

A INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS ESTUDOS FEMINISTAS NA UNIVERSIDADE NO QUEBEC

Segundo o dicionário Petit Robert, o termo *institucionalização* data de 1949 e designa “o fato de institucionalizar”, ou seja, de “dar a (algo) o caráter oficial de uma instituição” (edição 1993: 1187). Mais precisamente, a institucionalização dos estudos feministas na universidade é o processo, em curso há um quarto de século, por meio do qual as acadêmicas feministas, alimentadas por uma análise política da situação das mulheres e das relações sociais de sexo, tentam, nos planos teórico, epistemológico e metodológico, conseguir um reconhecimento oficial para o trabalho que realizam na produção e transformação dos conhecimentos com vistas a torná-los mais válidos sociologicamente e mais úteis socialmente em uma perspectiva de mudança social em profundidade.

Como tão bem expressava *Questões Feministas*¹ na introdução do primeiro número, “Quando se analisa a opressão das mulheres, estuda-se necessariamente tanto sua condição material, real, quanto a ideologia que a justifica (...). Ora, um dos lugares privilegiados de expressão dessa ideologia - e de seu desenvolvimento, pois ela não está produzida de uma vez por todas - permanece sendo ‘a ciência’, e em particular as ciências humanas. Uma atitude feminista inclui necessariamente uma crítica do discurso científico, o discurso sobre as mulheres e o discurso pretensamente geral (...). Desejamos que seja possível o advento de uma ciência feminista, que modifique a análise global da sociedade”. Sendo a universidade o lugar por excelência de produção da “ciência” e dos discursos científicos, ela é a primeira referida na atitude feminista.

O processo de institucionalização dos estudos feministas na universidade se traduz concretamente, no plano organizacional e estratégico, pelo combate cotidiano travado pelas professoras/pesquisadoras e pelas estu-

¹ COLETIVO Variations sur des Thèmes Communs. *Questions Féministes* 1, novembro 1977, p. 3-19.

dantes feministas (assim como pelas profissionais de pesquisa, as administradoras e as secretárias que estão associadas a elas) para implantar, de maneira ao mesmo tempo convencional e específica, o ensino e a pesquisa feministas nessa instituição dita de alto saber, abrir para eles um lugar, um nicho particular nos programas, nas atividades científicas e nas estruturas administrativas. Ao fazer isso, as feministas acadêmicas asseguram aos estudos feministas uma forma de reconhecimento social, uma legitimidade e certa continuidade no campo da produção de conhecimentos.

O processo de institucionalização a que me refiro se situa na universidade mesmo e não no aparelho de Estado. Essa especificação é essencial, pois, se o Estado tem no Quebec tendência a recuperar certas ações feministas, principalmente em matéria de serviços sociais que visam as mulheres, isso em absoluto não é o caso nas universidades. Apesar dos inegáveis sucessos que relatarei brevemente nas páginas seguintes, nas universidades se observa, ao contrário, uma resistência mais ou menos forte a uma institucionalização mais ampla dos estudos feministas. Eu diria até que, longe de diminuir, essa resistência atualmente está se refinando e se reforçando, em razão do *backlash*² antifeminista³ geral no qual está mergulhada a universidade, do mesmo modo que todas as outras instituições de nossa sociedade. Na verdade, em minha opinião a resistência é diretamente proporcional aos avanços que havíamos conseguido e à ameaça que representamos para o *status quo*.

Os estudos feministas no contexto do Quebec e da América do Norte

O Quebec conta com várias universidades de língua francesa e de língua inglesa⁴, todas subvencionadas pelo Estado. Além da determinação das professoras e das estudantes, quatro fatores sociológicos funcionaram no processo de institucionalização dos estudos feministas na universidade do Quebec: a língua, a idade e a vocação dos estabelecimentos, assim como a situação geográfica de cada um.

Tendo os estudos feministas começado primeiramente no Canadá inglês por volta de 1970, ou seja, aproximadamente no mesmo momento que nos Estados Unidos, não é de espantar que no Quebec eles tenham se iniciado nas universidades de língua inglesa de Concordia e McGill, cujas professoras

² Em inglês no original. recuo, movimento de ricochete (N. T.).

³ FALUDI, Susan. *Backlash. The Undeclared War Against American Women*. Nova Iorque: Crown Publishers, 1991.

⁴ A Université Laval, a mais antiga, situada em Quebec; a Université de Montréal, oriunda da primeira; a Université Sherbrooke, a Université du Québec e suas constituintes regionais de Montreal. UQAM, a maior do grupo, de Hull (UQAH), de Abitibi-Témiscamingue (UQAT), de Trois-Rivières (UQTR), de Chicoutimi (UQAR), assim como seus institutos de pesquisa (Instituto Nacional da Pesquisa Científica - Institut National de la Recherche Scientifique - e Instituto do Quebec de Pesquisa sobre a Cultura - Institut québécois de recherche sur la culture), são de expressão francesa, enquanto as universidades McGill, Concordia e Bishop são de fala inglesa.

feministas tinham rápida e diretamente acesso aos trabalhos americanos. Porém as universidades de língua francesa do Quebec não demoraram a entrar no movimento, desde o início dos anos 1970. Sua entrada, entretanto, se deu segundo dois outros fatores. Assim, a Universidade do Quebec em Montreal, uma jovem universidade de vocação social que tem uma larga parte da população de estudantes constituída de adultos, foi a primeira a oferecer, desde 1972, um número interessante de cursos; além do mais, sendo uma universidade urbana, era garantido que ela atingisse facilmente um público amplo. As universidades mais antigas, mais novas ou situadas fora da metrópole seguiram de mais ou menos perto, dependendo do volume do corpo docente e da população discente, e dependendo também da presença ou não de programas de segundo e terceiro ciclos, as maiores e mais antigas estando, naturalmente, em melhores condições de oferecer maior variedade de cursos.

Nas universidades de língua francesa do Quebec, diferentemente dos estabelecimentos de língua inglesa norte-americanos, as feministas, até uma data recente, favoreceram a multiplicação de cursos inscritos nos programas regulares⁵, mais que a implantação de programas formais de "menor" (30 créditos: dez aulas de 45 horas), de "maior" (o dobro) ou de mestrado em estudos sobre as mulheres/feministas. Receávamos, como eu mesma escrevi em 1981, que tais programas comprometessem o emprego de nossas diplomadas à saída; além do mais, queríamos evitar o enguetamento dos estudos feministas. É verdade que havia, em vários estabelecimentos de língua francesa, programas regulares em que, graças à determinação de certas professoras e estudantes, a perspectiva feminista tinha plena cidadania⁶. Mas foi apenas gradualmente que conseguimos nos dar conta do interesse de estruturas mais formais, tais como os programas e as concentrações, para o desenvolvimento dos ensinamentos feministas.

Com efeito, as diplomadas em estudos feministas nos EUA e no Canadá inglês não parecem ter mais dificuldade que os outros para encontrar trabalho. Por outro lado, a dispersão dos cursos nos diversos departamentos disciplinares impede uma formação feminista integrada de caráter interdisciplinar e não favorece a visibilidade dos estudos feministas. No plano administrativo, é impossível controlar a oferta dos cursos feministas a cada ano e assegurar a regularidade deles no correr dos anos. Ainda por cima: dentro dos diversos programas esses cursos são, com uma exceção⁷, cursos optativos, portanto com uma situação relativamente precária.

⁵ É o que se designa em inglês pelo termo *mainstreaming*

⁶ Era o caso, na Universidade Laval, da Antropologia, onde, no começo dos anos 1980, 20% das teses e dissertações tratavam das mulheres e eram feministas e hoje em dia quatro cursos são ministrados bastante regularmente (dois no primeiro ciclo e dois no segundo); o mesmo ocorre atualmente em Sociologia, Administração e Política Escolares, onde pelo menos dois cursos são dados regularmente no primeiro e no segundo ciclos.

⁷ Trata-se do curso Abordagem Feminista, oferecido nos programas de bacharelado e de "menor" em Antropologia na Universidade Laval.

Entretanto, esse interesse novo pelo agrupamento dos cursos não modifica em nada a importância dada à manutenção dos cursos feministas nos programas regulares, porque isso permite atingir um grande número de pessoas, homens e mulheres⁸, a cada ano⁹, e familiarizá-las com a problemática. Muitas dessas pessoas depois aplicam os conhecimentos adquiridos nesses cursos em outros cursos, seus trabalhos, sua dissertação de mestrado e possivelmente também em sua vida pessoal.

Avaliação da situação em 1994

Nos Estados Unidos, existem no momento presente dezenas de milhares de cursos, centenas de programas de *Women's Studies* ou "estudos feministas", inclusive mestrados e Ph. D., e várias revistas científicas. No Quebec, os números evidentemente não são comparáveis, porém contam-se assim mesmo atualmente mais de duzentos cursos sobre as mulheres ou feministas, dos quais cerca de metade são oferecidos a cada ano dentro dos diversos departamentos e dos programas ou concentrações de primeiro e segundo ciclos. É em ciências sociais que se conta o maior número, mas poucas disciplinas (que estão nas ciências puras e aplicadas) não são atingidas no momento presente.

Mas os cursos representam apenas uma parte dos estudos feministas. São muitos os projetos de pesquisa realizados no Quebec com uma abordagem feminista¹⁰. Alguns são conduzidos individualmente, mas um bom número são feitos por equipes muitas vezes pluridisciplinares, o que atende não apenas a uma opção fundamental em estudos feministas, mas também à política de vários financiadores de pesquisa. Como seus colegas, com efeito, as pesquisadoras feministas do Quebec pedem subvenções de pesquisa aos diversos organismos de fomento do Quebec e do Canadá, dentre os quais o Conselho de Pesquisas em Ciências Humanas (CRSH) do Canadá. No CRSH existe há sete anos, no âmbito dos programas ditos estratégicos, um programa praticamente sob medida para a pesquisa feminista, que tem atualmente como título *As Mulheres e a Mudança*¹¹. Apesar das obrigações administrativas que traz para os responsáveis, a pesquisa subvencionada comporta a grande vantagem de permitir a formação prática remunerada de estudantes e facilitar grandemente a produção de dissertações e teses feministas.

⁸ No curso acima, sob minha responsabilidade desde 1976, sempre houve aproximadamente 20% de inscrições masculinas, naturalmente, essa porcentagem aumentou desde que o curso se tornou obrigatório.

⁹ Supondo que sejam dados 80 cursos cada ano no Quebec, com umas 30 inscrições em média cada um, são 2 400 pessoas que são assim postas em contato com uma análise feminista

¹⁰ DAGENAIS, Huguette. *Méthodologie Féministe et Anthropologie une alliance possible. Anthropologie et Sociétés* 11 (1), 1987, p. 19-44.

¹¹ Esse programa teve como título primeiramente *Mulheres e Trabalho*, depois, de dois anos para cá, *Mulheres e Mudança*. Quando do último concurso, houve mais de 140 pedidos; 31 projetos foram aceitos.

Para desenvolver as trocas, as colaborações e a difusão de seus trabalhos, as pesquisadoras feministas do Quebec fizeram durante a última década vários agrupamentos, mais ou menos formais, que varlam (institutos, centros de pesquisa, grupos de pesquisa) segundo as normas internas de seus estabelecimentos respectivos e levando em conta os recursos de que dispõem¹². Implantaram também modalidades, igualmente mais ou menos formais, de colaboração com grupos de mulheres exteriores à universidade¹³, inclusive com os comitês sindicais sobre a condição feminina.

A difusão dos resultados da pesquisa feminista do Quebec é realizada, por um lado, pela publicação de livros nas diversas editoras e artigos nas revistas disciplinares ou interdisciplinares convencionais do Quebec e do Canadá, muitas vezes bilíngües. Entretanto, esses livros e artigos feministas são poucos em seu conjunto e chegam apenas em parte a alcançar a comunidade das pesquisadoras feministas; tampouco se pode afirmar que alcancem muito o público não feminista, pois, na produção científica em geral, raras são as referências aos trabalhos feministas. Por outro lado, existem diversas formas de publicação feminista. Há em primeiro lugar a difusão rápida, de tiragem reduzida e preço baixo, sob a forma de cadernos (em inglês: *working papers*), utilizada por vários grupos universitários. Há também a publicação de artigos nas poucas revistas feministas canadenses bilíngües¹⁴ e principalmente, desde 1988, a revista *Recherches Féministes*¹⁵, a única revista em língua francesa desse tipo no Canadá. Existe igualmente, dentro da Associação Canadense-Francesa para o Avanço das Ciências (ACFAS), da qual as pesquisadoras do Quebec participam muito ativamente, uma seção Estudos Feministas que organizou vários colóquios desde 1989, cujos anais foram depois publicados. Do mesmo modo, existem setores femininos/feministas dentro das outras

¹² Esta informação é importante, pois cada estabelecimento tem suas próprias regras na atribuição das denominações e orçamentos que correspondem ao reconhecimento institucional dos grupos. Assim, na Universidade Laval, até o momento têm fracassado as medidas tomadas pelo GREMF durante os últimos anos para conseguir uma denominação mais de acordo com a soma de suas atividades. No entanto, poder-se-ia pensar que com os muitos cursos de primeiro e segundo ciclos (entre os quais um diploma de segundo ciclo em Estudos Feministas); as muitas dissertações e teses feministas; o número considerável de projetos de pesquisa subvencionados por organismos exteriores; a publicação de uma série de *Cahiers de Recherche* (mais de 70 publicados até o dia de hoje) e de uma revista científica feminista (*Recherches Féministes*), assim como a obtenção da Cátedra de estudos sobre a condição das mulheres, estivessem reunidas todas as condições de um reconhecimento enquanto instituto. Mas tal não se deu.

¹³ A mais antiga, a mais conhecida, a mais formalizada e sem dúvida alguma a mais produtiva é *Relais-Femmes*, organismo fundado em colaboração com a UQAM.

¹⁴ As mais conhecidas e mais antigas são as revistas interdisciplinares *Documentation sur la Recherche Féministe/Resourses for Feminist Research*, *Les Cahiers de la Femme/Canadian Women's Studies* e *Atlantis*, cuja publicação infelizmente está suspensa. A notar também a *Revue La Femme et de Droit/Woman and the Law*, mais recente que as primeiras citadas.

¹⁵ *Recherches Féministes* é uma revista com comitê de leitura (arbitragem), publicada na Universidade Laval pelo Grupo de Pesquisa Multidisciplinar Feminista (GREMF). Sai duas vezes por ano, graças a subvenções do Conselho de Pesquisas em Ciências Humanas do Canadá e do Fundo FCAR de ajuda à pesquisa no Quebec, no âmbito dos respectivos programas de ajuda às revistas científicas.

grandes associações profissionais e científicas canadenses ou internacionais, setores que se reúnem por ocasião do congresso anual e dos quais participam mulheres do Quebec. As pesquisadoras feministas do Quebec pertencem também a associações do Quebec, do Canadá e/ou internacionais voltadas especificamente para o desenvolvimento dos estudos feministas¹⁶.

Finalmente, o Quebec tem uma das cinco cátedras universitárias de estudo sobre a condição das mulheres que recebe dotação da Secretaria de Estado canadense. A cátedra do Quebec é de língua francesa; foi atribuída à Universidade Laval em 1987, depois de um concurso provincial¹⁷. A titular da cátedra é recrutada por concurso e muda a cada dois ou quatro anos, mas o objetivo permanece: o desenvolvimento dos conhecimentos sobre as mulheres. A cátedra do Quebec atende a esse objetivo enfatizando a pesquisa feminista e em colaboração com os grupos de mulheres exteriores à universidade.

Mas de onde vem a originalidade dos estudos feministas do Quebec em relação aos estudos do mesmo tipo realizados na América do Norte e na França, as duas regiões do mundo de que eles recebem certa influência?

A originalidade dos estudos feministas do Quebec

Vou responder a essa pergunta considerando-a mais uma vez em dois planos, que estão intimamente ligados pelos fatos. No plano da produção de conhecimentos, ou seja, em suas dimensões teóricas, metodológicas e epistemológicas, a pesquisa feminista do Quebec se caracteriza pela importância da pesquisa empírica, a interdisciplinaridade, a atenção dada às relações sujeito/objeto e aos vínculos entre teoria e ação.

Efetivamente, a pesquisa feminista do Quebec é realizada principalmente em equipe, sob a forma de projetos que duram de um a três anos, dedicados a questões ou problemas precisos e bem delimitados, e cujos resultados procura-se divulgar amplamente. A pertinência em relação às preocupações sociais do momento é um critério importante na determinação dos assuntos de pesquisa, tanto para as pesquisadoras feministas quanto, agora, para os organismos de fomento. Tomemos, por exemplo, o debate que ocorre no Quebec em torno do abandono escolar dos meninos, fenômeno estudado por Pierrette Bouchard, e aquilo a que é de praxe chamar no Quebec a questão ameríndia, pela qual se interessa Marie France Labrecque¹⁸.

¹⁶ Para o conjunto do Canadá e sem distinção de disciplina ou filiação profissional, encontram-se o Instituto Canadense de Pesquisa sobre as Mulheres (ICREF/CRIAW) e a Associação Canadense de Estudos Feministas (ACEF), no Quebec, há o Agrupamento do Quebec das Pesquisadoras Feministas (RQCF).

¹⁷ As outras cátedras também são provinciais; encontram-se respectivamente nas províncias marítimas, nas províncias das Pradarias, na costa oeste do Canadá e em Ontário. Esta, que pertence conjuntamente às Universidades de Ottawa e Carleton, é bilingüe.

¹⁸ Ver os textos de Bouchard e Labrecque nesta revista

A produção teórica feminista decorrente desse tipo de pesquisa permanece bem enraizada na realidade que ela contribui para compreender, explicar e, esperamos, transformar.

A pesquisa feminista do Quebec se caracteriza também largamente pela interdisciplinaridade, característica que ela partilha com o conjunto dos estudos feministas anglo-saxões. Essa prática não atrapalha em nada a realização de trabalhos de caráter disciplinar, mas fornece um conhecimento mais bem integrado. Permite levar em conta múltiplas dimensões da situação das mulheres e das relações sociais de sexo aproveitando métodos e pontos de vista diferentes. A utilidade de uma abordagem interdisciplinar é manifesta, por exemplo, nas pesquisas sobre a saúde das mulheres no trabalho feitas pela equipe de Cinbiose, composta de biólogos, ergoterapeutas e sociólogos, e naquelas sobre a violência efetuadas em conjunto por pesquisadoras em Serviço Social e em Psicologia¹⁹.

No plano epistemológico, as pesquisadoras feministas do Quebec se preocupam com a questão das relações sujeito/objeto: as mulheres não devem mais ser apenas objeto de nossas pesquisas, mas também sujeitos delas; a pesquisa feminista tem que ser feita tanto quanto possível **com e para** as mulheres. Isto deu lugar a muitos projetos de caráter participativo e/ou conscientizante, inspirados pela *Pedagogia dos Oprimidos* de Paulo Freire e designados pelo vocábulo pesquisa-ação. Esse tipo de pesquisa, aliás, une-se a outra preocupação de caráter epistemológico dos estudos feministas, a das relações entre teoria e ação. Para as pesquisadoras feministas, a teoria está a serviço da ação que alimenta e orienta a ação para a mudança social. Embora os dois termos raramente estejam associados, eu diria que se trata no caso de uma concepção utilitária - ou mais abertamente política, se preferirmos - da teoria, concepção que contrabalança e até contradiz a tendência em torno - e que comporta mais liberdade - que incentiva a teoria pela teoria.

Em geral, as acadêmicas feministas do Quebec consideram os estudos feministas como fazendo parte do movimento das mulheres. Para elas, são eles, segundo a expressão de Renate Dueli Klein, "the educational arm of the Women's liberation movement", um órgão indispensável, um componente essencial, cuja amputação ou degenerescência afetaria fundamentalmente a capacidade de ação do movimento. Pois, à medida que as feministas aprofundam seus conhecimentos e ficam mais refinadas suas ações e reivindicações, a pesquisa e a formação tornam-se cada vez mais necessárias; nas condições atuais, o desaparecimento destas significaria a médio prazo o fim do movimento. É por isso que, no Quebec, a maior parte das acadêmicas feministas recusam a oposição entre as intelectuais e o movimento das mulheres, as acadêmicas e as ativistas, oposição que elas consideram não apenas falsa, mas potencialmente destruidora para o movimento; só serve àqueles que têm interesse, para reinar melhor, em nos dividir ainda

¹⁹ Ver os textos de Dumais e Gendron nesta revista.

mais do que já somos (por idade, orientação sexual, classe social, cor da pele e etnia; por filiação a disciplina, posições teóricas, epistemológicas e metodológicas).

Para as feministas do Quebec, portanto, os estudos feministas não são apenas um ângulo peculiar de abordagem da realidade; constituem uma forma de agir feminista, para retomar uma expressão de Françoise Collin, e uma forma de militância, que, como outras formas de militância, comporta certos riscos para as interessadas, se não no que se refere à segurança profissional²⁰, pelo menos no plano científico, no que se refere a sua credibilidade e reputação.

Assim, as feministas do Quebec dão muita importância à manifestação das mulheres na língua, falada e escrita²¹, e à denominação feminista. Para nós trata-se de alardear as cores do feminismo na universidade, assegurar a visibilidade delas e forçar a instituição a nos aceitar tal como somos, em nossos próprios termos. Claro está que, no Quebec como em outros lugares, é sempre mais fácil fazer carreira na universidade evitando se identificar como feminista do que correndo o risco. Mas as acadêmicas do Quebec confiam em que, a longo prazo, é esta a estratégia que valerá a pena. Pois - nunca será demais repeti-lo - a língua não é neutra. Como frisa Mary Evans, no mundo anglo-saxão, atualmente, a passagem de *Women's Studies* para *Gender Studies*, denominação mais abstrata, aparentemente mais neutra, que perturbava menos²², parece favorecer o estudo das diferenças e da dicotomia entre os sexos - os gêneros - mais que o das desigualdades e da subordinação das mulheres. Isto, explica Klein, contribui para tornar novamente as mulheres invisíveis e permite a entrada dos homens no "espaço feminista" (*feminist space*)²³. Esse alerta de Klein é tanto mais importante quanto uma pesquisa canadense (ver nota 20) realizada há alguns anos junto a pessoas que haviam lecionado pelo menos um curso em estudos sobre as mulheres (*Women's Studies*), 13% das quais eram homens, mostra que uma boa quantidade desses homens tinham uma atitude que eu qualificaria como arrogante e nem sequer liam regularmente as revistas feministas²⁴.

Os estudos feministas do Quebec se caracterizam também por uma preocupação com a formação de uma continuidade feminista. Por isso é que

²⁰ Pois, como demonstrou a pesquisa pan-canadense (o Canadian Women's Study Project) de Margrit Eichler e Rhonda Lenton, as professoras de *Women's Studies* no Canadá, consideradas enquanto grupo, são mais qualificadas, ocupam funções de nível mais alto e que trazem mais segurança do que o conjunto das professoras a tempo integral. EICHLER, Margrit e TITE, Rosonna. *Women's Studies Professors in Canada: a collective self-portrait. Atlantis* 16 (1), 1990, p. 5-24. As professoras feministas conhecem seus direitos, defendem-nos se necessário e militam no sindicalismo universitário.

²¹ Ver o dossiê sobre o assunto publicado no volume 5 número 1, 1992, da revista *Recherches Féministes*.

²² Pois a própria expressão *Women's Studies* é o mais das vezes um eufemismo para Estudos Feministas.

²³ A esse respeito, Renate D. Klein lembra que a direção do primeiro programa de *Gender Studies* nos Estados Unidos foi entregue a um homem.

²⁴ EICHLER, Margrit e VANDELAC, Louise. Une Situation Ambiguë: les hommes qui enseignent en études sur les femmes *Recherches Féministes*. 6 (2), 1993, p. 115-150

os cursos, os programas e sua regularidade ganham grande importância. Os cursos e os diversos agrupamentos feministas constituem, com efeito, lugares favoráveis às trocas e à colaboração, freqüentemente intensa e contínua, entre as professoras e as estudantes, assim como ao desenvolvimento de dissertações e teses feministas. A atmosfera que reina neles muitas vezes contrasta profundamente com o isolamento que em geral conhecem as feministas, professoras como estudantes, em seus respectivos departamentos. A formação da continuidade se faz também por meio da participação das estudantes nas pesquisas e nas publicações das professoras. Além disso, dois concursos de bolsas para as melhores dissertações e teses em estudos feministas se realizam anualmente há quatro anos, o primeiro no âmbito da seção Estudos Feministas da ACFAS, em colaboração com a Cátedra de Estudo sobre a Condição das Mulheres, e o segundo organizado na Universidade Laval pelo GREMF, que depois publica o original em seus *Cahiers de Recherche*.

Finalmente, os estudos feministas do Quebec retiram hoje em dia certos benefícios de uma infiltração estratégica, em minha opinião parcialmente bem sucedida, nos lugares de controle das verbas e da qualidade da pesquisa científica. O melhor exemplo é certamente a implantação e a manutenção no CRSH do programa de subvenção estratégica dedicado às mulheres, que já mencionei anteriormente. Embora não tendo nenhum controle sobre os orçamentos alocados para o programa, são pesquisadoras feministas que dominam o processo de avaliação dos projetos e a atribuição das verbas às pesquisadoras (e pesquisadores). Aliás, as pesquisadoras feministas do Canadá inteiro apelam amplamente para esse programa, mesmo se as verbas que cabem a ele pelo governo canadense permitem apenas o financiamento de um número limitado de projetos²⁵. Mas as acadêmicas feministas também participam de bom grado dos comitês de avaliação de diversos outros programas de subvenção e freqüentemente servem como avaliadoras externas. Isto assegura que seja levada em conta a variável sexo e contribui para reduzir o sexismo na pesquisa, podendo assim ser bloqueados os projetos sexistas desde essa primeira etapa.

Uma resistência renovada

A institucionalização dos estudos feministas entretanto é um processo que não se realiza facilmente. Depois de vinte anos de esforços para eliminá-los, o androcentrismo e o sexismo não desapareceram do saber e da universidade. Além disso, os cursos e as pesquisas feministas continuam sempre minoritários, até mesmo marginais em relação ao conjunto dos

²⁵ Quando do último concurso, por exemplo, foram subvencionados 31 projetos em 145, ou seja, 21%, e 34 outros também haviam sido selecionados pelo comitê de avaliação

conhecimentos produzidos no mundo. Numa época de questionamentos como a que estamos atravessando agora, os questionamentos fundamentais formulados pelas feministas ainda são largamente ignorados - quando não são recuperados e despolitizados sob a capa do pós-modernismo, por exemplo.

No entanto, as condições mudaram desde o início do processo; passamos a incomodar com nossas críticas e nossa recusa dos credos científicos quanto às relações entre sujeito e objeto, privado e público, teoria e ação. Impossível agora nos considerar como gritalhonas inofensivas; impossível nos ignorar esperando que um belo dia desapareçamos espontaneamente. Os estudos feministas mantiveram seu potencial mobilizador junto às estudantes. Em vez de desaparecer como uma moda, estão durando; suas participantes e seus agrupamentos aumentaram em número e variedade e, mais ainda, estão se reproduzindo. Mesmo o estribilho do enguetamento, que continuam a nos brandir como uma ameaça, não nos comove mais. Em uma época de restrições orçamentárias e forte competição pelos recursos, as acadêmicas feministas se tornaram ameaçadoras. Sem poder desarmar, a oposição teve que revisar suas estratégias. Alguns exemplos bastarão para demonstrar isso.

Assim, hoje em dia, o sexismo aberto, franco, direto, sem ter desaparecido completamente, cede o lugar a manobras de intimidação mais sutis contra nós, mas também, doravante, contra nossos simpatizantes. Estes são qualificados como *politically correct*, o que considero como o equivalente público do epíteto "flores de homens" no que se refere à vida privada.

Cada disciplina gera suas formas peculiares de intimidação. Em Antropologia, as feministas que analisam a opressão das mulheres em outras sociedades que não a sua e que, por exemplo, adotam uma posição crítica em relação às mutilações sexuais das mulheres, são facilmente acusadas de etnocentrismo - anátema supremo nessa disciplina. Pelos mesmos, aliás, que não hesitarão (e dessa vez com razão) em denunciar o etnocídio ameríndio ou o genocídio ruandês. Mas, para tratar da situação das mulheres, o relativismo cultural continua sendo um biombo bastante cômodo.

Também em cada estabelecimento as manifestações de resistência são, em parte, diferentes. No meu, por exemplo, nossos pedidos por uma denominação que reconheça a amplidão de nossas atividades (ver nota 12), melhor que a de grupo de pesquisa, recebem a resposta: "na Universidade Laval, não há caixas vazias". Essa resposta, que primeiro associei simplesmente com esnobismo, na verdade se revela uma manobra diversionista particularmente eficaz: não apenas temos que provar que a estrutura que estamos preconizando é tão válida (tão cheia) se não mais, que as outras existentes em nossa universidade, mas além disso devemos, por uma questão de ética, defender as que existem nos outros estabelecimentos. Haveria vários outros problemas a evocar, mas não é esse meu propósito aqui.

Algumas conseqüências

Os estudos feministas tiveram durante os últimos 20 anos no Quebec conseqüências tangíveis dentro dos estabelecimentos acadêmicos e na sociedade em geral. Efetivamente, encontram-se feministas à frente e dentro de todas as estruturas de reivindicação e de contestação com impacto sobre as mulheres na universidade e, em particular, nos sindicatos, os Comitês pela Condição Feminina, os Programas de Acesso à Igualdade no emprego para as mulheres, os centros de mulheres nos *campi* e os centros de prevenção e tratamento do assédio sexual.

Além do mais, na primeira fileira do êxito dos estudos feministas com impacto sobre a sociedade global do Quebec está, sem contestação, a formação dada a milhares de mulheres que trabalham dentro dos grupos de mulheres e de sindicatos, nas escolas de empresas e nos ministérios, assistidas e alimentadas por nossas aulas e nossos escritos na sistematização de seus conhecimentos, na clarificação de suas análises, ao mesmo tempo que sua participação em nossas aulas alimenta e enriquece as nossas. Essas pessoas freqüentemente ocupam lugares onde elas têm condições de tomar ou influenciar decisões de caráter político que afetam as mulheres. Sua formação feminista faz delas agentes de mudança social. E, no fim de 20 anos, elas são muitas! Isto talvez explique em parte os resultados da sondagem científica realizada no outono de 1993 pela firma Léger et Léger para o Conselho do Estatuto da Mulher do Quebec. Esses resultados revelam que 51% das mulheres do Quebec se dizem feministas, proporção que sobe para 60% entre as estudantes e entre as mulheres de idade entre 55 e 64 anos (*La Gazette des Femmes*, março/abril 1994).

Algumas considerações estratégicas

Visto que a universidade é um meio competitivo, onde o reconhecimento de um novo campo nunca é óbvio, não é de espantar que a institucionalização dos estudos feministas nesse ambiente seja lenta e laboriosa. Entretanto, em minha opinião, não é só desejável, porém necessário continuar a luta cotidiana nesse sentido, pois a institucionalização constitui ao mesmo tempo um meio e uma certeza de autonomia. O reconhecimento institucional de um campo de estudo na universidade proporciona os recursos materiais e intelectuais necessários para seu desenvolvimento e para consolidar sua posição dentro da instituição. Isto é comprovado por todas as disciplinas que foram se constituindo ao longo dos anos e que hoje em dia ocupam posições que se tornaram inatacáveis, incontestáveis dentro da universidade; é comprovado ainda pelos muitos grupos e centros de pesquisa multidisciplinar que surgiram nos estabelecimentos acadêmicos do Quebec nestes últimos anos, sobre os mais diversos assuntos (meio ambiente, relações internacionais, sexologia, êxito escolar etc.), e que agora gozam das vantagens decorrentes de sua legitimidade. Em outros termos - e por paradoxal e

chocante que pareça -, para assegurar o funcionamento dos estudos feministas com um mínimo de controle externo e um máximo de autonomia na universidade, uma certa recuperação por parte da instituição é não apenas inevitável; é, até certo ponto, desejável e até indispensável. Sem deixar de estar consciente de que as coisas podem evoluir de outro modo durante os períodos economicamente mais difíceis, eu diria que quanto mais uma administração acadêmica investe econômica e "emocionalmente" num campo de estudo em particular e se, ainda por cima, este é atraente para a população discente e proporciona ao estabelecimento uma imagem de esquerda ou de vanguarda como é o caso dos estudos feministas, mais ela procurará assegurar o sucesso dele - rentabilizar seu investimento - e menos pensará em deixá-lo de lado.

Vou ainda acrescentar que, apesar das formas relativamente sofisticadas de resistência ao feminismo que se desenvolveram dentro da universidade nestes últimos anos, esta se mostra como um lugar particularmente propício não apenas à crítica mas também à subversão feminista da ordem patriarcal e androcêntrica estabelecida. Pois não se deve esquecer disso: as acadêmicas aderem ao princípio (sagrado) da liberdade acadêmica; portanto ninguém na universidade pode - em princípio, claro - impedir as feministas de exprimir abertamente seus pontos de vista, defender sua tese, divulgar seus trabalhos. Fora o jornalismo, em que outro meio de trabalho se pode - sempre em princípio - gozar de tal liberdade de pensamento e palavra? Em que outro meio a crítica é não apenas aceita, mas valorizada? Nenhum, certamente. Cabe a nós tirar proveito disso para o desenvolvimento dos estudos feministas.

Enfim, dever-se-ia considerar o processo de institucionalização dos estudos feministas na universidade como um processo de *empowerment*, para as estudantes, as professoras e também, graças aos novos conhecimentos por ele gerados, para o movimento das mulheres e as mulheres em geral. Mais do que nos sentir culpadas por não termos fracassado completamente nessa empresa, parece-me que deveríamos nos regozijar pelos progressos conseguidos, por modestos que sejam. Repito o que recentemente dizia em outro lugar: as vítimas não constituem modelos atraentes para os jovens. Quem gostaria de se identificar com eternas perdedoras? O desafio que enfrentamos nos estudos feministas na universidade atualmente consiste, portanto, em jogar com a força que nos tornamos, sem entretanto nunca nos satisfazer com nossos sucessos. Pelo menos enquanto alguma transformação radical das relações sociais não tornar obsoletos os estudos feministas. E isso não é para amanhã...